



**LEI Nº 2472/2022**  
**DE 29 DE JUNHO DE 2022**

Reconhece o poema 'Monlevade, Saga', de autoria do professor Luciano Clemente Mendes Lima, como poema-símbolo da cultura literária do Município de João Monlevade.

O **POVO DO MUNICÍPIO DE JOÃO MONLEVADÉ**, por seus representantes na Câmara aprovou, e eu, Prefeito Municipal, sanciono a seguinte Lei:

**Art. 1º** Fica declarado como poema-símbolo da cultura literária do Município de João Monlevade, o poema "*Monlevade, Saga*", de autoria do professor Luciano Clemente Mendes Lima, constante no anexo I desta Lei.

**Art. 2º** Caberá ao município, através dos Poderes Legislativo e Executivo, a promoção e divulgação do poema na qualidade de símbolo municipal.

**Art. 3º** Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

João Monlevade, em 29 de junho de 2022.

**Laércio José Ribeiro**

Prefeito Municipal

Registrada e publicada nesta Assessoria de Governo, ao vigésimo nono dia do mês de junho de 2022.

**Gentil Lucas Moreira Bicalho**

Assessor de Governo



**- ANEXO I -**

**MONLEVADE, SAGA**

Luciano Clemente Mendes Lima

E geme o negro numerado  
o engenho o boi a garapa  
esfrega escrava e sabão  
anágua a bica cantando  
e bula a grita a fuzaca  
se esgueira e cala ao açoite  
tronco guilheta e peia  
garganta engasgo e tensão

essas tenazes e roda  
água martelo e calor  
moldam dinâmicos gestos  
de terra mato e labor  
depura da canga o ferro  
cadinho o fogo e a lupa  
martelo malha e transforma  
tempera o pranto e o suor

dobra de fileira de esteios,  
estirpe nobre das sesmarias de mato  
das bandas de São Miguel  
do Piracicaba encachoeirado  
pilares sustentam solar e fazenda  
em noites de paz e serões  
estrelas e "vin de Lignac"  
de Monlevade e doutores  
rasgando a vulva do chão  
gerando ouros e dores  
suores prego pilão  
e a roda martela e molda  
o sangue que negro e solda  
despeja gotas no chão

valsa a varanda  
rendada de cores  
sorrisos e anquinhas  
de Clara Sophia  
(à Marzuca, Barão.)



atravessa o salão  
para o pátio repuxo  
das águas da serra  
das negras mucambas  
de forno e fogão

(-vem aqui, senhor jean paschoal, estudar la leçon!)

o outro lado retumba de jongo o batuque  
e umbigada o tambor caxambu que marimba  
o calor o suor urucungo e cuíca  
tum-dum xique-xique que a bunda crioula  
lasciva a senzala e o senhor berimbau

berim bau  
o tempo contou  
berim bau  
a nuvem embriaga o céu e transforma  
até o bom tempo  
berim bau

no cemitério em jardim  
descansa félix arrodado das mucambas e crioulos  
fortes para em cortejo e estilo  
atenderem à trombeta do juízo final  
as parcas tecem no tear aranhas  
estiram teias linhas encasulam  
a névoa do tempo

onde está, jean félix, a lupa  
que o frio da tua morte impede que se malhe?  
é lasso o músculo é lassa a mente

(as parcas tecem no tear aranhas)

teus negros, félix, preferiam ser teus que livres  
e livres dispersos não te encontram mais.

(estiram teias no tear as parcas)

-onde está, caro jean, aquela bulha  
álacre, acre em contradança e vida?

(névoa no tempo, no tear aranhas)

-francisco, é hora que “noblesse oblige”



não venhas só, usa o moderno meio  
forja de novo, muito mais e quanto  
traça o teorema, junta o teor da canga  
e vem de forjas e estaleiros tudo  
e vem que é teu o minueto e a valsa  
alfaias deste altar, as talhas deste catre  
aqui está, francisco a mesa água da serra.  
serve o “cognac” e o “vin de bogenet”  
forja de novo e muito mais e quanto  
a lupa incandescente, teu brasão, teu manto

(as parcas tecem no tear aranhas estiram teias linhas encasulam a névoa no tempo)

e o tempo bocejou trinta e oito anos e silêncio  
marulharam águas do piracicaba  
nas caudas dos douradores a piaba  
apenas espiava a margem e afogava  
em silêncio as toneladas adormecidas  
em restos do “bloomery forge”  
agora madeirando as comas e os tucanos  
nidificam no solar e mamoeiro

bebericando respingos e jabuticabas  
que transportam na cor para o descanso  
do senhor de monlevade

(estiram teias linhas e encasulam no tear as parcas as aranhas tecem a névoa do tempo)

alguém percebia moverem-se  
carneirinhos brancos na serra  
pros lados de são gonçalo  
brancos  
de algodão e chapéu de palha  
carneirinhos ordeiros pioneiros  
na faina de comprar trocar vender  
destino e vida sobreviver

(a orla do chapéu de palha escondia o sorriso caipira de quem é dono da fórmula de  
enxergar melhor e ser maior)

berim bau  
a nuvem embriaga o céu e transforma  
até o mau tempo  
berim bau

-louis, que vieste fazer aqui?  
não sentes os ventos da europa  
nazistas falangistas e fascistas  
telegramando ideias anti-liberais?  
não te disseram isso em aix-la-chapelle?  
wall street não te serviu de lição?



ah, acreditas no new deal mais que roosevelt  
new deal, novo mundo, novo monlevade  
rasga outra vez o chão da fertilidade  
agita o vale, edifica

atrai promessa e esperança  
desfralda a nossa bandeira  
que é belga e mineira  
que é franco-luxemburguesa  
mais que tucanos, bem,-te-vis, araras

(gentes da terra e cearas)  
coloriram de verde, amarelo, azul  
aqui no hemisfério sul.

- quem são estes que chegam  
Romarias esperanças e milagres  
De pães e peixes, de vida?  
que buscam eles, louis?  
que promessas lhe fizeste,  
que bem-aventuranças lhes pregaste  
da goela alta de um forno?  
as esperanças temperas  
nesses bojos metálicos  
a fogo minério e solo  
que ingerem e metabolizam  
o verde-negro carvão.

louis jacques ensh  
ressurge o sonho dissandes  
ressuscita jean félix  
e o transforma em monlevade  
minério mineiro inteiro  
caráter povo e cidade

ninguém mais vê carneirinhos  
descendo as fraldas do mato  
pras bandas de são gonçalo  
ordeiros  
pioneiros  
na faina de comprar  
trocar  
vender  
destino e vida  
sobreviver.  
fazem da terra sua bela rude  
civitas povo luz e juventude  
e a roda martela e molda  
sangue nativo e migrante  
obreiro e comerciante  
em cadinho de destino



**JOÃO MONLEVADE**

PREFEITURA MUNICIPAL

Administração 2021-2024

depura malha e transforma  
para que em aço e refino  
na história aos poucos se adense  
um povo monlevadense

e os brancos cordeiros  
já guerreiros coloridos  
no mesmo fio de destino  
na latitude correta  
na longitude atitude  
de vertical e estrutura  
vida trabalho amor  
cinzelam sangue e suor  
tijolam massam fabricam  
de aço e tenacidade  
têmpera gente e cidade